

# CORPO NEGRO, CABELO CRESPO: AS NOVAS APROPRIAÇÕES DE FALA E ESCRITA DA MULHER NEGRA NO BRASIL

Vanderlucia Aparecida da Costa e Silva (CEFET/MG) <sup>1</sup>

Luiz Henrique Silva Oliveira (CEFET/MG) <sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como proposta analisar como o movimento de autovalorização e de reivindicação por reconhecimento nos espaços midiáticos e publicitários, fortalecido pelas redes sociais, tem se refletido no surgimento de novas compositoras-cantoras com discursos engajados, que refletem as angústias e peculiaridades inscritas no corpo, cabelo e comportamento da mulher negra no Brasil. Para tanto serão analisadas quatro canções interpretadas por mulheres negras à luz das teorias críticas da cultura tais como Gomes (2008), Spivak (2010), Souza (2007 e 2008).

Palavras-chave: Corpo e Cabelo, Feminismo negro, Literatura

## Introdução

Este artigo tem como proposta analisar como o movimento de autovalorização e de reivindicação por reconhecimento nos espaços midiáticos e publicitários, fortalecido pelas redes sociais, tem se refletido no surgimento de novas compositoras-cantoras com discursos engajados, que refletem as angústias e peculiaridades inscritas no corpo, cabelo e comportamento da mulher negra no Brasil.

Recentemente, graças à popularização de *vlogs* – diários virtuais em formato de vídeo postados em sites/aplicativos – e páginas em redes sociais direcionados ao cuidado e a divulgação das diversas texturas de cabelos crespos e cacheados, observa-se a retomada de hábitos ancestrais nesses cuidados, um movimento de apropriação das novas tecnologias no incentivo ao autoconhecimento e valorização da própria história. Muitas destas *vloggers* aproveitam a grande quantidade de visualizações em seus *posts* para apresentar reflexões em torno do ser mulher e negra na sociedade brasileira e como os padrões de beleza, impostos pela mídia ou pelas publicidades de produtos de beleza,

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras (UFMG), Mestrando em Estudos da Linguagem (CEFET/MG). Contato: negavand@gmail.com

<sup>2</sup> Graduada em Letras (UFMG), Mestre em Teoria da Literatura (UFMG), Doutor em Teoria da Literatura e Literatura Comparada (UFMG). Contato: henriqueletras@yahoo.com.br

interferem na consolidação de uma identificação positiva com a negritude e todas as suas peculiaridades no que tange ao corpo feminino negro.

Fortunati (2014) coloca em discussão a capacidade de empoderamento que o uso das redes sociais proporciona aos sujeitos usuários. Considerando sua definição de empoderamento como

processo pelo qual os empoderados ganham destreza sobre seus assuntos pessoais, influência sobre os problemas políticos que os afetam, habilidade para articular suas próprias histórias, capacidade para acessar informação e recursos, confiança e autonomia para fazer escolhas livres e significativas e para traduzir suas escolhas em ações desejadas e resultados, capacidade de aumentar sua agência para moldar suas vidas e da comunidade em que vivem, entre outras coisas. (FORTUNATI, 2014, p.169)

A autora ressalta que, se por um lado, as tecnologias de informação e comunicação estruturam a informação, influenciam a imaginação e separam aqueles com e sem acesso, por outro, essas mesmas tecnologias promovem em seus usuários comportamento distributivo, autodeterminado e gerado, passando de sujeitos subordinados a usuários proativos. (Lapa, 2015.)

Na esteira destes discursos reivindicatórios evidenciados pelas redes sociais, o mercado fonográfico tem popularizado o trabalho de cantoras engajadas e politizadas que reverberam nas grandes mídias anseios de mulheres negras a muito silenciados.

### Textos e texturas: Corpo e cabelo na reescrita da mulher negra

A escolha dos objetos de análise deste artigo – letras e músicas de cantoras negras - perpassa pelo clássico questionamento, se estes textos são suficientemente literários. Justificando a insistência nestes objetos, pela sua relevância na construção de uma identidade negra positiva às mulheres negras no Brasil, são retomadas as reflexões de Eneida Maria de Souza (2007), no que tange a crítica literária e sua possível resistência ao grito das margens, das massas. A autora afirma que

prevalece ainda no âmbito das realizações de eventos literários ou de outra natureza a ausência de um programa que seja ao mesmo tempo celebratório e crítico, ao indicar ganhos teóricos e empecilhos metodológicos causados por limitações de ordem ideológica ou temporal.(...) Esse escrúpulo analítico concorre apenas para o fortalecimento da relação entre saber e poder dos discursos institucionais, impedindo

o acesso a vozes dissonantes e reforçando a estrutura parasitária da academia, na qual o passado se impõe como solução e resposta para os embates do presente. (Souza, 2008, p.3 )

Souza (2008) continua dizendo que representantes da crítica comparada e cultural dialogam intensamente com as diversas áreas de crítica literária, antropologia, história, comunicação, dentre outras, o que segundo ela, inviabiliza uma “hierarquização rígida das disciplinas e o fechamento de cada área por meio de uma especificidade restrita.” (SOUZA, 2008)

Em “O não-lugar da Literatura”, Eneida indica a possibilidade do deslocamento como uma categoria viável à crítica literária e às questões impostas pela nova ordem mundial, que implacavelmente interfere no modo como as sociedades e, conseqüentemente, as artes se manifestam frente a elas:

Considerar que a função crítica da literatura é a de não constituir um lugar especificamente literário, mas de deslocar todos os lugares teóricos e literários. A desconstrução da verdade não deve ser identificada, nem com a literatura em geral, nem com uma forma de literatura ou algum acontecimento dentro da história da literatura, pelo fato de o deslocamento nunca ter ocupado um lugar numa escrita particular. (...)Dentro dessa perspectiva, desprovida de caracterização imanentista dos objetos, em que o exterior constitui a dobra do interior e não a parte estranha que remete para o fora da relação, comprova-se o deslocamento como categoria capaz de movimentar o raciocínio interdisciplinar – derrubando conceitos fixos e verdades consagradas pela cristalização de lugares e pela atomização dos interiores. (Souza, 2007, p.80)

## **Textos**

O advento de novas artistas, como Yzalú, Mc Soffia, Alessandra Crispim, dentre outras, bem como o retorno de Elza Soares com o seu trabalho “A mulher no fim do mundo”, coincidem com o fortalecimento pelas redes sociais das questões relativas ao corpo e cabelo da mulher negra e sua reivindicação de fala.

Judith Butler afirma que o corpo mais que um mero elemento material, é um artefato, uma fronteira variável, uma superfície, cuja permeabilidade é politicamente regulada. (BUTLER, 1990) Portanto, segundo Diniz (2002),

O corpo, como uma construção simbólica plural, representa-se distintamente no tempo e no espaço e passam por ele eixos de transversalidades de etnia,

gênero, classe e sexualidade. (...) Neste sentido pensar no corpo como discurso significa desconstruí-lo, pluralizá-lo servindo-se dele como um espaço de transgressão de linguagem e pluralidade de sentidos. (DINIZ, 2002, s.p.)

Na canção “Mulheres negras”, a rapper Yzalú é uma voz dissonante que reescreve o imaginário do corpo estereotipado da mulher negra, por outro mais polêmico, forte e denunciante das desigualdades brasileiras. Os traços físicos, as texturas de cabelos e os lugares subalternos impostos pela sociedade são algumas das temáticas por ela abordada.

(...)

Mulher negra não se acostume com termo depreciativo,

Não é melhor ter cabelo liso, nariz fino;

Nossos traços faciais são como letras de um documento,

Que mantém vivo o maior crime de todos os tempos;

Fique de pé pelos que no mar foram jogados,

Pelos corpos que nos pelourinhos foram descarnados.

(...)

Mulheres negras são como mantas kevlar,

Preparadas pela vida para suportar;

O machismo, os tiros, o eurocentrismo,

Abalam mas não deixam nossos neurônios cativos. (Yzalú, 2012)

Neste contexto, vale retomar a reflexão de Spivak (2010) em que afirma que o silêncio das minorias não é voluntário. Ele acontece porque não lhes é permitido expressar seus anseios, suas reivindicações. A sociedade foi treinada a naturalizar as desigualdades e ensurdecer-se ante a indignação dos que foram deixados à margem.

Nesta perspectiva, o feminismo negro perpassa os discursos destas mulheres, que reconhecendo as idiosincrasias do ser negra, em uma sociedade racista e machista, tomam para si a responsabilidade de denúncia e empoderamento, como assim sugere Bell Hooks (2015):

É essencial para a continuação da luta feminista que as mulheres negras reconheçam o ponto de vista especial que a nossa marginalidade nos dá e façam uso dessa perspectiva para criticar a hegemonia racista, classista e sexista dominante e vislumbrar e criar uma contra-hegemonia. Estou sugerindo que temos um papel central a desempenhar na construção da teoria feminista e uma contribuição a oferecer que é única e valiosa. A formação de uma teoria e uma práxis feministas libertadoras é de responsabilidade coletiva, uma responsabilidade que deve ser compartilhada (HOOKS, 2015, s.p.).

Mc Carol e Karol Conka expressam, em uma performance contundente e questionadora, a consciência da situação de especial opressão a que estão submetidas as mulheres negras e periféricas e a urgência de que todas as mulheres se mobilizem na transformação desta realidade. Em sua poesia, as compositoras rememoram mulheres negras que marcaram o passado histórico do Brasil e que, no entanto, são relegadas, quase sempre, ao ostracismo e à impossibilidade de representatividade e identificação.

#### **100% Feminista**

Presenciei tudo isso dentro da minha família  
Mulher com olho roxo, espancada todo dia  
Eu tinha uns cinco anos, mas já entendia  
Que mulher apanha se não fizer comida  
Mulher oprimida, sem voz, obediente  
Quando eu crescer, eu vou ser diferente.

Eu cresci

Prazer, Carol bandida

Represento as mulheres, 100% feminista

Eu cresci

Prazer, Carol bandida

Represento as mulheres, 100% feminista

Represento Aquatune, represento Carolina

Represento Dandara e Xica da Silva

Sou mulher, sou negra, meu cabelo é duro

Forte, autoritária e às vezes frágil, eu assumo

Minha fragilidade não diminui minha força.

(...)

Sou mulher independente não aceito opressão

Abaixa sua voz, abaixa sua mão

Mais respeito

Sou mulher destemida, minha marra vem do gueto

Se *tavam* querendo peso, então toma esse dueto

Desde pequenas aprendemos que silêncio não soluciona

Que a revolta vem à tona, pois a justiça não funciona

Me ensinaram que éramos insuficientes

Discordei, pra ser ouvida, o grito tem que ser potente

(...)

Represento Nina, Elza, Dona Celestina

Represento Zeferina, Frida, Dona Brasilina

Tentam nos confundir, distorcem tudo o que eu sei

Século XXI e ainda querem nos limitar com novas leis

A falta de informação enfraquece a mente

*Tô no mar crescente porque eu faço diferente.* (Mc Carol, 2016)

## Texturas

No Brasil, é importante considerar que assim como existe uma hierarquização racial quanto à pigmentação da pele<sup>3</sup>, ou seja, quanto mais pigmentada, mais escura for a pele de uma pessoa, menores serão suas chances de ascensão social; também existe uma pretensa hierarquização quanto à textura do cabelo crespo e cacheado, justo porque estas características, bem como nariz e lábios grossos são traços marcados da negritude.

Nilma Lino Gomes (2008), em suas pesquisas sobre corpo e cabelo como símbolos da identidade negra, apresentou a declaração de um dos sujeitos entrevistados, que para seu irmão o critério para escolhas, em seus relacionamentos afetivos, era a cor da pele e a textura do cabelo: “*A gente tem que melhorar a raça. Por isso que eu opto*

---

<sup>3</sup> Sobre miscigenação, eugenia, democracia racial no Brasil: COSTA, 2006.; GUIMARÃES, 2000; RIBEIRO, 2010.;SCHWARCZ, 1996. SILVA, 2000. TELLES, 2003.

por mulheres claras de cabelo bom.”<sup>4</sup> A expressão *cabelo bom* é popularmente utilizada na caracterização do cabelo de textura lisa, reta; no outro extremo existe a caracterização de “cabelo ruim” ao cabelo crespo, de texturas em ondas, circulares tipo mola ou em ziguezague.

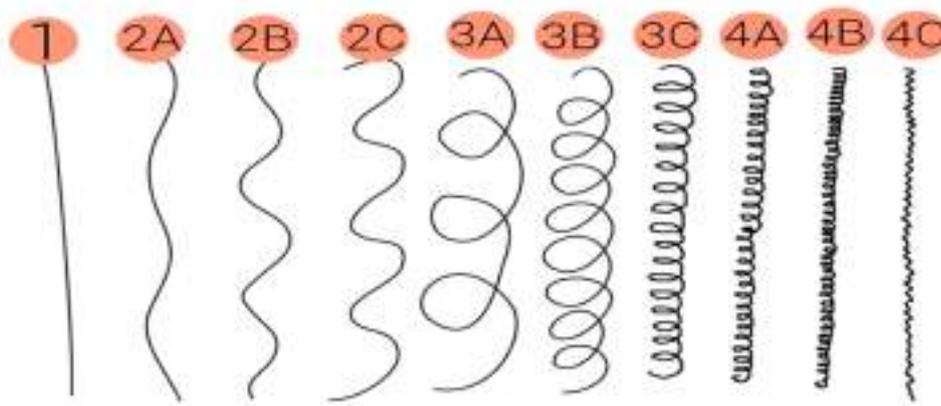


Imagem1: Tipos e texturas de cabelo

Fonte: <http://www.pataubrazil.com.br/tipos-cabelo-1234/>

A imagem 1 traz uma representação das texturas diversas de cabelo, que tem sido amplamente divulgada nas embalagens de produtos para cabelos crespos e cacheados e em sites especializados; sendo que, as texturas do tipo 4, as que mais foram negadas pela mídia e mercado publicitário, nódoas da política de “branqueamento”, que reverberam na real dificuldade das mulheres em de fato identificarem-se positivamente, negras. Isto porque, embora, recentemente, tenha se popularizado o processo de transição – deixar de utilizar produtos químicos, permitindo que o cabelo cresça com sua textura original -, surge nestas mulheres a expectativa de aquisição de cachos “definidos”, ou seja, os cabelos de textura tipo 3.

A “ditadura dos cachos perfeitos”, como nomeiam algumas *youtubers*, essa exigência de definição, é na verdade, mais uma faceta cruel do preconceito racial brasileiro, no qual os cabelos tipo 3 são a saída estética palatável, ao crespo rebelde,

---

<sup>4</sup> Sobre esta declaração em particular, a leitura se centrará apenas no aspecto relacionado ao termo “cabelo bom”, mas vale ressaltar, que a autora já sinalizava, mesmo sem problematizar, a temática da solidão da mulher negra, abordada por Ana Cláudia Lemos Pacheco que se tornou doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) com a tese “Branca para casar, mulata para f...., negra para trabalhar”: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador”, Bahia que, em 2013, foi convertida no livro *Mulher negra: afetividade e solidão* (Edufba). No mesmo ano, Claudete Alves obteve o título de mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) com a dissertação “A solidão da mulher negra – sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo”, que posteriormente se transformou no livro *Virou Regra?* (Scortecci, 2010).

“duro”, “ruim”. Gomes (2008) ressalta exatamente que “o cabelo do negro, visto como ‘ruim’, é expressão do racismo e da desigualdade que recai sobre esse sujeito”; e atualmente, assumir essa textura tão negada e modificada por décadas é um ato de denúncia e resistência, ainda que muitas dessas mulheres não tenham consciência de seu ato político, mas tenham em si manifesto o recorrente discurso da libertação.

A cantora e compositora Alessandra Crispim é uma dessas vozes que reconhecem no ato de ostentar os cabelos crespos, mais que uma decisão estética, é uma decisão marcada pela coragem e auto-afirmação:

Pente e garfo no cabelo

Ajeitei já tá pra cima

Agradeço no espelho

O poder da melanina

Pra assumir nossas raízes

É preciso ter coragem

Viva a nossa atitude

De mostrar nossa verdade

Viva a nossa atitude

De mostrar nossa verdade. (Crispim, 2016)

Tão significativo, que a compositora, dá a sua canção o título de “Identidade”.

Por sua vez, Mc Soffia, rapper adolescente e ansiosa por representatividade para si e para as crianças negras de sua geração, a partir de um intertexto com o conto de fadas “Rapunzel”, versa sobre cabelo e empoderamento feminino, numa crítica aos padrões de beleza impostos que não contemplam a diversidade étnica e cultural das meninas brasileiras:

#### **Minha Rapunzel tem dread**

(...)

Na minha história a Rapunzel tem dread

Ela é negra e é Rastafari

Não precisa de um príncipe pra se salvar

Ela é empoderada e pode tudo conquistar

O seu cabelo dread tinha força e poder

Sua beleza africana não tinha o que dizer

Essa história eu inventei porque não vi princesa assim

Só me mostraram uma, aí isso não dá pra mim

Princesa Etiópia, esse nome eu batizei

País que desfruta tudo que eu pesquisei

Estou muito feliz de ver a história acontecer

Crie uma princesa que pareça com você (...). (Mc Soffia, 2016)

## Considerações finais

*Menina pretinha, exótica não é linda*

*Você não é bonitinha*

*Você é uma rainha. (McSoffia, 2016)*

Spivak (2010) chama a atenção ao intelectual para que investigue os espaços em branco no texto etnocêntrico, e, apropriando-se das palavras de Derrida, para “tornar delirante aquela voz interior que é a voz do outro em nós;” (Spivak apud Derrida, 2010) conferir visibilidade em espaços onde a princípio não seria possível, instigar novas reflexões, despidas de preconceitos e juízos de valores, é fundamental para que essas vozes cumpram sua função social de gerar indignação e mudança. Pois, como também ressalta Silviano Santiago:

Não se pode pedir aos Manoeis pobres e cosmopolitas que abdicuem das suas conquistas na aldeia global, (...), mas cada estado nacional (...) pode, isto sim, proporcionar-lhes, a despeito da falta de responsabilidade no plano social e econômico, a possibilidade de não perderem a comunicação com os valores sociais que os sustentam no isolamento cultural em que sobrevivem nas metrópoles pós-modernas. (Santiago, 2004)

Dar voz a parte em branco do texto etnocêntrico, confiá-lo ao Outro como indica Spivak é o passo mais complexo no exercício da democracia e na busca da justiça social. Quando esse espaço em branco ganha cor e som, o que se vê e ouve não é

necessariamente agradável, embora seja verdade. Quando Spivak questiona em seu trabalho se o subalterno pode falar, o rap, o funk e outras expressões culturais populares no Brasil e no mundo todo respondem que não, pois não possuem o selo que lhes conferem a legitimidade da fala. Mas, demonstram que a busca por essa legitimidade não os escravizam mais.

E em se tratando de engajamento intelectual, o comprometimento destas cantoras pode ser embasado no que Gramsci reflete a cerca dos intelectuais tradicionais e orgânicos:

Os intelectuais orgânicos estão habilitados a exercer funções culturais, educativas e organizativas para assegurar a hegemonia social e o domínio estatal da classe que representam. Em suma, a hegemonia de uma classe também está ligada ao papel que os seus intelectuais desempenham. Segundo Gramsci, todos os homens são intelectuais, mas nem todos assumem essa função na sociedade. A escola, o partido, a fábrica, a participação em organizações etc., são espaços criadores de intelectuais (SANTOS, 2009, p. 151).

As mulheres negras com sua canção politizada e incisiva, mobilizam posturas não hegemônicas e chamam para si a responsabilidade política de transformação da realidade, mesmo que nunca sejam consideradas, pelas instituições legitimadoras, intelectuais.

## Referências bibliográficas

BUTLER, J. **Gender Trouble**, New York/London: Routledge, 1990.

COSTA, Sérgio. **Dois Atlânticos**: teoria social, anti-racismo, cosmopolitismo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

CRISPIM, Alessandra. Identidade. **Youtube**, 15 de dez. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eIT5P7O132s> Acesso em: 08 de agosto 2017.

DINIZ, Alai Garcia. A literatura como discurso do corpo. **Anais do 2º Congresso Brasileiro de Hispanistas**. Out., 2002. Disponível em: [http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000012002000300002&script=sci\\_arttext](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000012002000300002&script=sci_arttext) Acesso em: 08 de agosto 2017.

FORTUNATI, Leopoldina. Media between power and empowerment can we resolve this dilemma? **The Information Society** , v. 30, n. 3, p.169-183, 2014.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.**

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo; HUNTLEY, Lynn, (orgs.).**Tirando a máscara: ensaios sobre racismo no Brasil.** São Paulo: Paz e Terra, 2000.

HOOKS, Bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. In: **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº 16, Brasília, Jan/abr, 2015.

LAPA, Andrea. **Poder e empoderamento na cultura digital.** Em aberto. V. 28, n. 94, 2015.

MC CAROL. 100% Feminista. **Youtube.** 07 de out. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W05v0B59K5s> Acesso em: 08 de agosto 2017.

Mc Soffia. Menina pretinha. **Youtube.** 09 de mar. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cbOG2HS1WKo> Acesso em: 08 de agosto de 2017.

\_\_\_\_\_. Minha Rapunzel tem *dread*. **Youtube.** 15 de jul. 2016. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=b1Uf6\\_SV5\\_8](https://www.youtube.com/watch?v=b1Uf6_SV5_8) Acesso em: 08 de agosto de 2017.

RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro: evolução e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. \_\_\_\_\_ Sobre a mestiçagem no Brasil In: SCHWARCZ, Lilia Mortiz, QUEIROZ, Renato da Silva (orgs.) **Raça e Diversidade.** São Paulo: EDUSP, 1996.

SANTIAGO, Silviano. O Cosmopolitismo do Pobre. In: **O cosmopolitismo do Pobre.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004, p. 45 - 63.

SCHWARCZ, Lilia Mortiz. As teorias raciais, uma construção histórica de finais do século XIX. O contexto brasileiro. In: SCHWARCZ, Lilia Mortiz, QUEIROZ, Renato da Silva (orgs.) **Raça e Diversidade.** São Paulo: EDUSP, 1996.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102

SOUZA, Élita Luzia de. **Estética do cabelo e comportamento psicossocial : um estudo comparativo entre México, Chile e Brasil**. 2009. Monografia (Especialista no Magistério Superior) - Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú, 2009. Disponível em: <http://siaibib01.univali.br/pdf/Elita%20Luzia%20de%20Souza.pdf>  
Acesso em: 09 de agosto de 2017.

SOUZA, Eneida Maria. **Crítica Cult**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.  
\_\_\_\_\_. Crítica compara e cultural. In: Conexão Letras, v.3, nº 3, 2008. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/55631> Acesso em: 08 de agosto 2017.

SPIVAK, Gayatri C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TELLES, Edward Eric. **Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

YZALÚ. Mulheres negras. **Youtube**, 19 de nov. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=122kwdWN-v0> Acesso em: 08 de agosto 2017.